

OPERAÇÃO SANGUESSUGA: ENTRE A ESFERA POLICIAL E A ESFERA MIDIÁTICA¹

Antonia Zago²

Considerações iniciais

A partir dos estudos de Mikhail Bakhtin e seu Círculo (Bakhtin, 1997, 2003; Bakhtin/Volochinov, 2004), depreende-se que a atividade humana está diretamente ligada ao uso da língua e emana de diversas esferas de atividade. Tais observações remetem à pertinência da abordagem dialógica para a análise das atividades de trabalho como destaca Boutet (1998) ao fazer menção ao fato de que, na história da humanidade, a atividade de linguagem e a atividade de trabalho estão estreitamente ligadas. Para a autora, grupos profissionais possuem suas formas específicas de interagir e de conceber o mundo. Para Faïta (2004), a linguagem não só é constitutiva das práticas laborais como também é essencial para a divulgação do trabalho, principalmente se essas divulgações dizem respeito ao desempenho de atividades públicas.

No que tange à atividade de trabalho da Polícia Federal, observa-se que faz parte da sua prática laboral (re)criar palavras para dar nome às operações de trabalho. Ações secretas são batizadas com nomes quase que publicitários que conquistam a simpatia da população, tais como: Sanguessuga, Macunaíma, Furacão, Navalha, Eros, Narciso, Xeque-Mate, Rodin, Sathiagraha, Tapete Persa, entre outros. Essas palavras, impregnadas de acentos de valor, constituem-se como signos ideológicos e fazem ressoar relações dialógicas com outros discursos. Notícias ligadas à corrupção marcaram, em especial, os anos de 2007 e 2008³.

O objetivo deste artigo é analisar discursivamente, dentre as palavras que os Policiais Federais (re)criam para designar suas Operações de trabalho, a designação Sanguessuga (Operação Sanguessuga - 2006), verificando relações dialógicas estabelecidas de modo a recuperar pistas da atividade do trabalho policial e características de sua divulgação na mídia. Com base nesse cenário, este estudo se apoia na interlocução entre a teoria dialógica do discurso (Bakhtin, 1997, 1998, 2003; Bakhtin/Volochinov, 2004) e estabelece diálogo com estudos sobre o trabalho que consideram imprescindível a análise da linguagem para a compreensão das relações do trabalho (Boutet, 2001; Faïta, 2007).

A análise, seguindo uma reflexão interdependente entre esfera, gênero e matéria linguística, está organizada em duas etapas, a partir de duas esferas de atividade: a esfera policial e a esfera midiática. Na primeira etapa, esfera policial, além de um breve resgate da Operação Sanguessuga, a palavra é analisada a partir da proposta de Bakhtin (2003) como “palavra da língua” (a que ainda não recebeu acento de valor), “palavra alheia” (a de outros discursos) e “palavra minha” (a que traz a minha apreciação). Na segunda etapa, esfera midiática, é apresentada a repercussão da Operação Sanguessuga

¹ Este trabalho é um desdobramento de parte da dissertação de mestrado (Zago, 2008), defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

² Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). E-mail: antoniazago@gmail.com

³ A Divisão de Comunicação Social da Polícia Federal apresenta a seguinte relação (ano/número de operações): 2003/16, 2004/42, 2005/67, 2006/167, 2007/188, 2008/396, 2009/288, 2010/103 (até junho).

na mídia e efetuada uma análise da palavra/operação na Capa da Revista Veja, observando aspectos verbais e não-verbais do enunciado.

Dialogismo e interação verbal

O dialogismo, noção basilar da teoria bakhtiniana, pressupõe uma permanente inter-relação entre discursos (tanto os precedentes, quanto os consequentes), o que permite observar a movimentação dos sentidos nos enunciados. Tendo em vista esse princípio, a língua é considerada em sua integridade concreta e viva – como discurso – e não como objeto específico da linguística (Bakhtin, 1997).

A palavra, para o Círculo de Bakhtin, constitui-se em um fenômeno dialógico e ideológico, uma espécie de ponte lançada entre o locutor e o interlocutor. Assim, preserva, em sua constituição, algo de cada um que sobre ela teve alguma influência, o que vai revelar “ressonâncias de diferentes dizeres ao mesmo tempo em que antecipa outros” (Di Fanti, 2005, p.21). Por isso, a palavra é considerada enunciado, elo na cadeia discursiva, e é renovada a cada enunciação por acentos valorativos. Esse tom valorativo vai ser assimilado, reelaborado, reacentuado, revelando que a palavra-enunciado traz marcas da situação histórico-social da sua produção (Bakhtin, 2003; Bakhtin/Volochinov, 2004).

O enunciado, nessa perspectiva, não é neutro, pois toda vez que se utiliza uma palavra se recria em novas condições um sentido diferente para essas mesmas palavras, confirmando, rejeitando, aprofundando. É nesse sentido que Bakhtin (1998, p.105) diz que o sujeito toma a palavra “quase ou totalmente alheia, mas ao mesmo tempo obriga-a, em última instância, a servir às suas intenções”.

No conjunto das observações desenvolvidas, deve ser considerado essencialmente que o enunciado é uma construção dialógica, social e ideológica. Sua expressividade está relacionada a formas discursivas relativamente estáveis, os gêneros do discurso.

Entre gêneros discursivos e esferas de atividade

Na abordagem dialógica proposta por Bakhtin (2003) e seu Círculo, é imprescindível a compreensão dos gêneros do discurso e das esferas em que os enunciados são produzidos. Todo enunciado é produzido em um contexto cultural e se constitui por posições valorativas. Os enunciados estão em inter-relação com uma determinada esfera social e vão circular em gêneros discursivos, os quais facilitam as interações verbais.

Os gêneros do discurso, “tipos relativamente estáveis de enunciados” (*op. cit.*, p.262), são formas de enunciação que pré-organizam as significações verbais. As relações entre os parceiros da enunciação não se dão em um vácuo social (Rojo, 2005) e os gêneros vão estar ligados aos enunciados provenientes das diferentes esferas da atividade humana, refletindo as condições de produção e as finalidades a que essas esferas se propõem. Desse modo, a escolha do gênero é realizada em função da especificidade de cada esfera de comunicação. Por conta disso, os gêneros facilitam a compreensão, uma vez que representam funcionamentos sociais previsíveis e esperados em meio ao inesperado desenvolvimento das trocas verbais.

Em cada enunciação, há renovação do dizer, assim como a passagem de uma esfera a outra implica ressignificação do enunciado. No caso do objeto de análise deste artigo, é válido observar que da produção, na esfera policial, à recepção, na midiática, as designações utilizadas pelos policiais constituem-se como enunciados concretos e perpassam uma variedade de gêneros (diferentes interlocutores, finalidades, espaço, tempo, suporte etc.). Nesse estudo, interessam as condições de produção e a materialização dos enunciados como gêneros discursivos.

Interfaces entre linguagem e trabalho

A partir da noção de gênero do discurso de Bakhtin, Faïta (2004) e Clot e Faïta (2000) desenvolvem a noção de gênero da atividade para o estudo de atividades de trabalho. Observam assim que há um fazer próprio de cada coletivo de trabalho, uma forma de agir que facilita as interações sociais. Destacam também que a dinamicidade do trabalho ocorre, pois cada sujeito impõe ao gênero em que atua o seu retoque pessoal.

Souza-e-Silva (2003) toma a expressão gênero da atividade equivalente a gênero profissional e destaca o princípio da economia que norteia as atividades realizadas a partir do gênero, uma vez que o gênero pressupõe o subentendido da atividade, o que não precisa ser explicado a cada vez que se faz algo. A autora ratifica as observações precedentes ao observar que os gêneros da atividade representam uma memória impessoal e coletiva que determina como se portar, começar, terminar e conduzir uma atividade, que com o auxílio dos estilos de ação conduzem e podem transformar a ação dos coletivos de trabalho.

Boutet (2001) desenvolve uma reflexão acerca das “palavras do trabalho”, especialmente consideradas uma “estética do trabalho” quando nomeiam atividades e objetos de trabalho a partir da transformação de designações tradicionais. Esse é caso da metáfora, apontada pela autora como poderosa ferramenta de categorização do real, um mecanismo que facilita o desenvolvimento da atividade laboral. As relações metafóricas, do ponto de vista discursivo, estabelecem orientação ou possibilidade de sentidos por meio de analogias, mobilizam formas de já-dito, apontando para relações dialógicas, até mesmo com campos discursivos bastante diferenciados. Essas relações evidenciam intertextualidades e constituem-se em efeitos metafóricos bastante sugestivos.

Além das palavras do trabalho, é importante recuperar reflexões acerca da designação, noção que vem sendo desenvolvida por diferentes pesquisadores da linguagem. Charaudeau e Maingueneau (2004, p.150) se referem à designação como a criação de “uma associação ocasional entre uma sequência linguística e um elemento da realidade”. Rajagopalan (2004) chama a atenção para o poder da designação. Notícias e reportagens começam com um ato de designação. Essas palavras não são neutras: disfarçadas de simples “rótulos”, carregam um ponto de vista, que vai influenciar a formação da opinião pública a favor ou contra fatos e pessoas através noticiados.

As reflexões sobre palavras do trabalho e designação são coerentes com o pensamento de Bakhtin sobre palavra/enunciado, uma vez que a palavra já é uma forma de enunciação e, portanto, é acentuada valorativamente.

Palavras em Operação: da esfera policial à midiática

Na esfera policial, as Operações da Polícia Federal começaram a ganhar destaque na mídia com o início do governo Lula, em 2003. Desde então, o número de Operações deflagradas tem aumentado ano a ano, assim como aumenta a cobertura midiática dispensada. Pelo fato de as investigações envolverem pessoas públicas, essas atividades gozam de grande impacto junto à população.

Os enunciados produzidos são materializados em gêneros do discurso que trazem características das esferas das atividades humanas e ligam o enunciado ao mundo social. Destaca-se que os enunciados são sempre constituídos valorativamente, trazendo pontos de vista e acentos de valor (Bakhtin, 2003). Nesse sentido, as designações utilizadas para nomear a atividade de trabalho circulam por diversas esferas, perpassando uma variedade de gêneros e desencadeando ressignificações das palavras designativas.

Assim, na esfera policial, as designações não só auxiliam a organização do trabalho, proporcionando economia de tempo, uma vez que não precisam recuperar os detalhes a cada vez que se referem a uma Operação, como ainda funcionam como códigos secretos, que ajudam a manter o sigilo, garantem a impessoalidade, valorizam o trabalho em equipe, servem para divulgar a atividade laboral, além de facilitar o trabalho da Justiça.

Com relação à esfera midiática, é preciso considerar que o jornalismo é uma forma de construção da realidade na medida em que são feitas escolhas acerca do que noticiar. Para conseguir a adesão, a mídia constrói, inclusive, uma figura de leitor – o que remete a um contrato – o mandato do leitor (Charaudeau, 2006). A palavra enunciada vai ser o resultado de uma co-intencionalidade, de um embate de diferentes valorações das esferas envolvidas.

Na divulgação pela mídia, a designação pode ser percebida como uma palavra bivocal, em que se podem observar, pelo menos, duas vozes mais ou menos aparentes: a da mídia e a da Polícia Federal. Além dessas, outras vozes entram no discurso e fazem parte da sua compreensão e avaliação.

É importante destacar ainda que entre os desafios objetivados pela mídia estão os de visibilidade e de inteligibilidade, os quais levam à consequente espetacularização (Charaudeau, 2006). É uma característica da mídia pós-moderna retratar certos acontecimentos de modo exagerado na forma de propagação – o que caracteriza o espetáculo. O espetáculo, que ocorre em função do capital, conforme Debord (1997), é a principal produção da sociedade atual.

Tendo como base as reflexões efetuadas no decorrer do artigo e a proposta metodológica, desenvolvida por Bakhtin/Volochinov (2004), que contempla o estudo inter-relacional de esfera de atividade, gêneros do discurso e materialidade linguística no enunciado, será analisada a seguir a Operação Sanguessuga. Destaca-se que tal Operação foi escolhida por sua criatividade designativa em relação ao objeto do crime investigado e pelo destaque na mídia.

“Sanguessuga” na polícia e na mídia

a) Esfera policial

Fazendo parte da atividade dos policiais federais, a Operação Sanguessuga foi deflagrada pela Polícia Federal no dia 4 de maio de 2006 com o objetivo de desarticular uma organização criminoso especializada na prática de crimes contra a ordem tributária e fraudes em licitações na área da saúde – em especial para a compra de ambulâncias. Integravam a quadrilha funcionários públicos que atuavam no Ministério da Saúde e na Câmara dos Deputados.

Do ponto de vista da análise dialógica, com relação à palavra da língua, o verbete “sanguessuga”, no dicionário Aurélio, apresenta duas acepções: a primeira como “verme do filo dos anelídeos, da classe dos hiruquídeos, que habita as águas doces e tem ventosas com que se liga aos animais a fim de sugar-lhes o sangue. É de uso medicinal para provocar sangrias desde a época romana”, e a outra como “indivíduo que explora outro pedindo-lhe constantemente dinheiro” (Ferreira, 1999).

Analisando possibilidades de relações dialógicas com a palavra sanguessuga, sem desconsiderá-la como “palavra da língua”, podemos observá-la como “palavra alheia” no que tange ao fato de haver a circulação de acentos valorativos, mais ou menos expressivos, referentes à exploração monetária do outro. Além de não se dissociar do próprio animal, parasita que é, a “palavra minha”, utilizada pelos policiais federais, materializa-se por efeitos metafóricos para contextualizar a história da palavra. Ao designar a investigação, prática constitutiva dos gêneros da atividade laboral, os policiais federais passam a orientar a circulação de efeitos de sentido, recuperando, de certo modo, a história do dizer e indicando valorativamente aspectos próprios da Operação em pauta.

Analisando-a como “palavra alheia” refere-se à “parasita”, aquele que vive às custas do outro, explorando-o. Já, ao ser tomada como “palavra minha” para batizar a Operação policial, recupera a história do dizer e singulariza particularidades da Operação: investigar sanguessugas, suspeitos de receber propina a partir de um esquema por eles montado. Desse modo, particulariza algo em uma outra enunciação específica, passando a identificar os investigados pela Operação.

(Re)criado o termo, a “palavra minha”, com nova dimensão axiológica, passa a circular uma espécie de “rótulo”, em que os envolvidos, os sanguessugas, estão ligados a questões de exploração. Sendo o enunciado um elo na cadeia discursiva (Bakhtin, 2003), os acentos valorativos, ao mesmo tempo em que se voltam para o já-dito, fazem projeções para as respostas possíveis. Desse modo, designar a Operação policial como sanguessuga é marcar uma posição crítica, uma apreciação de valor partilhada pelo coletivo de trabalho, que se projeta em “linguagem como trabalho”, pois faz parte dos fazeres dos policiais, “linguagem no trabalho”, uma vez que envolve uma situação global, bem mais ampla do que a atividade restrita de investigação, e “linguagem sobre o trabalho”, já que traz interpretações, via avaliação, do fato investigado.

b) Esfera midiática

Na mídia, a designação sanguessuga auxilia na informação sobre os envolvidos no caso (policiais e investigados). A criação policial é então apropriada pela mídia, que a utiliza nos mais diversos gêneros (capa, notícia, reportagem, editorial, artigo, crônica, charge etc.) Essa palavra, notadamente bivocal, passa a circular carregando uma

valoração negativa reforçada em várias manifestações jornalísticas, tais como: *Máfia dos sanguessugas* (capa de Veja, 26/7/2006), *Sanguessugas vetadas nas urnas* (Reportagem Especial, Zero Hora, 2/10/2006), *Pizza de sanguessugas* (charge, Iotti, Zero Hora, 1/12/2006), *O maior dos escândalos* (título do editorial de Zero Hora, 11/08/2006), *Sanguessugas* (artigo de Luiz Carlos Nascimento da Rosa, Zero Hora, 03/08/2006).

A divulgação dessas notícias possui uma abrangência muito grande. No caso da Operação em foco, a cobertura alcançou a dimensão de espetáculo na medida em que a quantidade de matérias e especiais realizados atingiu uma grande proporção em relação ao total de assuntos veiculados. A Operação deu origem a uma CPI, iniciada no final de junho de 2006, que se utilizou da mesma designação e até os dias de hoje ainda aparecem notícias tendo como chamada o nome da Operação.

Esta análise, sem desconsiderar a repercussão como um todo, detém-se em uma capa da Revista Veja (Fig. 1). Para analisar o gênero capa, reportamo-nos a Charaudeau (2006), para quem é impossível pensar em uma capa de revista sem pensar no sujeito que a produz. Além disso, é preciso pensar no outro lado, no destinatário, uma vez que essa produção vai ser a ponte estabelecida entre os dois. Em alguns gêneros discursivos, como é o caso da Capa, a palavra toma uma responsabilidade muito grande.

Assim, a partir dessa capa, podem-se perceber pistas discursivas da visão que a Editoria da revista passa e do público que pretende atingir, conforme é visto adiante, tanto no seu discurso verbal, quanto no não-verbal, recursos que ressaltam efeitos de visibilidade, entre os quais o de espetacularização.



Figura 1. Capa da Revista Veja de 26 de julho de 2006

A capa traz o nome da revista, título, manchete e chamadas acompanhadas da figura de uma bolsa de sangue, em referência ao próprio nome da Operação e ainda ao fato de que alguns envolvidos também participaram da *Operação Vampiro* que superfaturava produtos hemoderivados.

Na primeira linha da manchete da capa da revista consta a designação usada para batizar a Operação que vai ser matéria de Veja naquela semana: *Máfia dos*

sanguessugas, em letras vermelhas (cor que remete a sangue), sublinhadas, sobre um fundo neutro e claro, contrastando com as letras – o que lhe confere um grande destaque. A seguir, vem a manchete chamativa: “A lista da vergonha”, em letras em caixa alta, as maiores da página, e em negrito. A palavra *vergonha* nesta manchete ocupa sozinha toda a largura da revista.

Percebe-se, no conjunto da capa, um apagamento da fonte – a Polícia Federal, como responsável pela investigação – uma vez que não aparece a palavra polícia tampouco operação, apesar de aparecer *sanguessugas*. Esse apagamento não inviabiliza o diálogo, pois a palavra bivocal remete ao discurso do outro, no caso, o da Polícia Federal. Nele ressoa a perspectiva da mídia de chamar a atenção para a sua posição diante do tema tratado, deixando transparecer que essa operação é exclusividade de Veja, pois fez parte do trabalho investigativo da revista.

Quanto à parte verbal da capa da Veja, ainda é importante observar que há a presença de itens lexicais, atribuídos aos envolvidos na Operação, carregados de valorização negativa: “máfia”, “vergonha”, “acusados”, “propina”, “mafiosos”. A designação *sanguessuga*, em *A máfia dos sanguessugas*, é impregnada de valorização negativa não só pela palavra máfia que a precede, mas ainda pela carga depreciativa da história da palavra dos então reconhecidos como *sanguessugas*. No enunciado principal *A lista da vergonha* também se observa que a palavra “lista” é impregnada de valorização negativa ao remeter a um conjunto de envolvidos na máfia.

A revista, ao posicionar-se contra o esquema de corrupção, vai ao encontro da posição do leitor, que, de modo geral, se alia a uma postura de busca pela transparência e verdade. Enquanto a designação colabora para a circulação das denúncias, a cobertura midiática projeta-se como espetáculo e fomenta a venda da revista.

Considerações finais

A interlocução entre a teoria bakhtiniana e os estudos sobre o trabalho fundamenta a análise em desenvolvimento, proporcionando a compreensão da relação entre atividade de linguagem e atividade de trabalho. A análise da “palavra da língua” (o estável do enunciado), da “palavra alheia” (expressividade do outro que ressoa no meu enunciado) e da “minha palavra” (valorização própria) possibilita resgatar a memória discursiva do dizer e as relações dialógicas estabelecidas pelas designações em foco. Também proporciona não só verificar aspectos da produção, circulação e recepção do enunciado (Bakhtin, 2003), como também resgatar índices das características da atividade do policial federal.

Conforme o encaminhamento do trabalho, pode-se apresentar duas considerações principais referentes à importância da (re)criação de palavras, especialmente as designações do trabalho, antes sigiloso, depois tornado público: (a) contribuição para o desenvolvimento das Operações de trabalho dos policiais federais: trocas verbais entre o coletivo, economia de tempo, sigilo; (b) contribuição para a mídia no que tange à divulgação das Operações efetuadas, uma vez que informa em primeira mão a situação de uma dada investigação e representa uma economia de espaço, pois dispensa detalhar a cada publicação no que se constitui uma dada Operação, apresentada em variados gêneros discursivos como capas, primeira página, notícias, editoriais etc.

Ademais, a própria designação é percebida como espetáculo, pois recebe uma ampla cobertura e se trata de um nome que chama a atenção do público. Contudo, é

preciso um olhar crítico para essa espetacularização: tanto por parte da mídia, quanto por parte da própria Polícia Federal. Até mesmo porque esse tempo e espaço usados para espetacularizar acabam muitas vezes apagando outros temas igualmente relevantes para a sociedade.

Referências

- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski* (1929). 2.ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* (1979). 4.ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). 11.ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BOUTET, J. Quand le travail rationalise le langage. In: BOUTET, J.; KERGOAT, J.; JACOT, D. (Org.). *Le monde du travail*. Paris: Éditions La Découverte, 1998.
- BOUTET, J. Les mots du travail. In: BORZEIX, A. & FRAENKEL, B. (org.). *Langage et travail: communication, cognition, action*. Paris: CNRS Editions, 2001.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Trad. Angela S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação de tradução de Fabiana Komesu, São Paulo: Contexto, 2004.
- CLOT, Y.; FAÏTA, D. Genres et styles en analyse du travail: concepts et méthodes. *Travailler*, n.4, Revigny-sur-Ornair, Martin Media, 2000.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DI FANTI, M.G.C. A tessitura plurivocal do trabalho: efeitos monológicos e dialógicos em tensão. *Alfa*, São Paulo, n.49, v.2, p.19-40, 2005.
- FAÏTA, D. Gêneros do discurso/Gêneros da atividade, análise da atividade do professor. In: MACHADO, A.R. (Org.). *O ensino como trabalho*. Londrina: Eduel, 2004.
- FAÏTA, D. A linguagem como atividade. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). *Trabalho & Ergologia: Conversas sobre a atividade humana*. Trad. Jussara Brito e Milton Athayde et al. Niterói: Eduff, 2007.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- RAJAGOPALAN, K. Designação: a arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais. In: RAJAGOPALAN, K. *Por uma lingüística crítica: Linguagem, identidade e a questão ética*. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p.81-87.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p.184-207.
- SOUZA-E-SILVA, M.C.P. O ensino como trabalho – o professor como trabalhador. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n.44, Campinas: Unicamp/IEL, 2003, p.339-351.
- ZAGO, A. *Análise dialógica de palavras do trabalho dos policiais federais: da (re)criação à divulgação*. Dissertação de Mestrado (UCPel). Pelotas, 2008.